

Crise na emergência

DF - Saúde

POPULAÇÃO DE BRAZLÂNDIA RECLAMA DA FALTA DE MEDICAMENTOS E DE PROFISSIONAIS NO HOSPITAL PÚBLICO DA CIDADE. DIRETOR DO LOCAL AFIRMA QUE OS PROBLEMAS SE DEVEM AO AUMENTO DA DEMANDA

Cristiano Torres

A população de Brazlândia que precisa de assistência médica de emergência tem enfrentado problemas no hospital da cidade. Alguns deles são a falta de medicamentos, médicos e longas filas de espera. Ontem, ao menos duas pessoas desmaiaram enquanto aguardavam na entrada do pronto-socorro, onde crianças e adultos, principalmente mulheres, esperavam até cinco horas para receber atendimento. Outra reclamação do público é a falta de água.

O jovem Robson da Silva, de 18 anos, só conseguiu ser medicado depois de perder a consciência devido a uma crise asmática. O rapaz, desacompanhado, foi socorrido por uma amiga de sua mãe que estava no local. "É um absurdo. O menino está aqui desde as 7h da manhã e ninguém fez nada. Ele só entrou no hospital depois das 11h30 e mesmo assim só porque passou muito mal", reclama a dona-de-casa Ângela Xavier, 46, que esperou quatro horas por causa de uma alergia na pele. "É a segunda vez que venho e me disseram agora que o médico foi embora e que só poderei ser atendida daqui a uma semana", reclama.

Indignada, Ângela Xavier responsabilizou a falta de medicamentos como causa da morte de um primo, vítima de um acidente de moto no dia 7 de agosto. "Quando ele chegou aqui, as enfermeiras disseram que não poderiam fazer nada, já que não tinha como tratá-lo e ele iria morrer mesmo", relatou. Segundo os presentes, uma criança de dois anos também só foi recebida depois de vomitar duas vezes no banheiro da sala de espera e desmaiar. As pessoas não souberam falar o nome dela ou da responsável. A informação não foi confirmada pela direção do hospital.

Como ela, quase todos os pa-



Algumas pessoas desmaiaram enquanto esperavam atendimento

cientes reclamam da falta de profissionais. "Não é nem 12h e os seguranças estão dizendo que o plantonista já saiu para o almoço. O pior é que não tem ninguém para substituí-lo. Olha a quantidade de gente que está aqui aguardando", diz, enquanto aponta para a fila com centenas de pessoas.

Os caso mais grave era o da dona-de-casa Cícera Maria da Silva Santana, 47. Em pé há três horas, a mulher aguardava, no calor e sem água, pelo atendimento para descobrir porque sentia dores de cabeça, náusea e dores no peito e no braço esquerdo.

"Deve ser algum problema no coração. Mas eu não sei, nunca passei por isso. Estou preocupada porque desmaiei duas vezes nos últimos quatro dias e sinto falta de ar também", contou.

O menino Carlos Roberto, de 1 ano e 3 meses, parecia ser o único a não se importar com a situação. Visivelmente abatido - com ansiedade de vômito e febre por cinco dias -, ele apenas tentava dormir no colo da mãe, a estudante Clarisse Oliveira da Silva, 17. "Vim aqui na sexta-feira passada, mas não consegui atendimento. Vamos ver se a gente consegue alguma orien-

tação hoje", declarou.

O diretor do Hospital de Brazlândia Júlio César Serafim explicou que a dificuldade de atendimento se deve ao crescimento da demanda. "Existe uma deficiência em toda a rede hospitalar, no que concerne à clínica geral e à pediatria. Mas é importante lembrar que temos que atender mais de 300 mil habitantes do Entorno, que sobrecarregam muitas vezes o trabalho com casos que poderiam ser resolvidos em qualquer posto de saúde. Júlio César Serafim afirma que os dois clínicos chegam a atender 140 pessoas por dia".



Fotos: Gustavo Moreno